

Reflexão sobre o nascimento: uma perda necessária!

DR. RENATO MIKIO MORIYA E
DR. DÊNIS AUGUSTO SANTANA REIS

Estamos enfrentando a primeira grande pandemia do mundo globalizado, com efeitos profundos e impactantes sobre a vida das pessoas e das comunidades. A Covid-19 marcou o ano de 2020 com muitas perdas. Perda de entes queridos, perda de emprego, perda da qualidade de vida, do contato diário com familiares que compõem o grupo de risco, perda e reduzida mobilidade pelas medidas adotadas para conter a disseminação do vírus.

Além disso, devemos ressaltar o louvável e sacrificante trabalho dos profissionais de saúde que estão se expondo diariamente, batalhando na linha de frente, para salvar a vida de pessoas infectadas com a Covid-19.

Apesar de tantas perdas e sacrifícios, uma coisa é certa: o mundo caminha, como demonstra esta trilogia que pretende mostrar o ciclo evolutivo da vida, apresentando paisagens diferentes conforme o ser humano caminha na vida.

Isso mesmo, a vida continua sendo impressionante e repleta de milagres, inclusive o milagre da vida, com o nascimento de milhares e milhares de bebês.

Assim, a vivência do parto e a do nascimento são, geralmente, momentos únicos e experiências que deixam marcas profundas na vida da mulher e do homem. Esses acontecimentos e os sentimentos experimentados frente ao nascimento do filho serão lembrados por muito tempo, nos mínimos detalhes, pela mãe, bem como pelo pai, que participa junto desse processo de criação.

Todavia, existe a dor do parto, que é considerada por muitas mulheres como o marco inicial do início da maternidade, por aflorar o sentimento de ser mãe, pela proximidade do encontro com seu filho esperado e imaginado durante nove meses. Por isso, muitas mulheres afirmam que a felicidade sentida com o nascimento de seu filho compensa todo o processo doloroso do parto.

Segundo Freitas (2019), chega o momento em que o bebê precisa partir do conforto de dentro do útero. Até porque, com o desenvolvimento do feto, o espaço uterino se reduz e o que era acolhimento e segurança se transforma em aprisionamento.

O que era muito confortável caminha para o insuportável. Aquele sistema já deu o que tinha que dar. O feto já ficou o tempo suficiente para receber o que aquele ciclo tinha a oferecer. A permanência se torna desconfortável tanto para o bebê quanto para a mãe. Se continuar lá, corre o risco de morte de ambos.

A vida exige uma tomada de decisão: é hora de sair do conhecido e seguir para o desconhecido, sair da segurança para a aventura e riscos do mundo real. Chegou a hora de nascer, de seguir em frente, de viver fora do útero da mãe.

Porém, para o bebê, funciona como uma perda necessária. De acordo com a autora Judith Viorst (2004), o nascimento corresponde a uma dualidade que impreterivelmente traça um jogo de perdas e ganhos: “Começamos a vida com uma perda. Somos lançados para fora do útero sem um apartamento, cartão de crédito, um emprego ou um carro. Somos bebês que mamam, choram, se agarram indefesos. Nossa mãe se interpõe entre nós e o mundo, protegendo-nos contra a ansiedade arrasadora. Não teremos nenhuma necessidade maior do que a dos cuidados da nossa mãe.”

O nascimento implica para o bebê, necessariamente, um processo de desistir de tudo aquilo que se deve abandonar para se tornar um ser à parte, expondo-se aos riscos e às experiências, em busca do desconhecido, do crescimento, do aprendizado, todavia, sob os olhares atentos da mãe.

Para a mãe, o desconforto na parte final da gestação e as dores do parto são facilmente superados com o primeiro choro e com o primeiro contato entre mãe e bebê.

A segurança do útero da mãe é substituída pelo aguçado instinto de proteção, à medida que a mãe tenta decifrar toda e qualquer necessidade do bebê, ainda que isso resulte em aumento da ansiedade materna.

Ao longo do tempo é possível perceber que maternidade é uma via de mão dupla de aprendizado e crescimento entre mãe e filho. Não é preciso passar horas a fio com uma criança para começar a sentir como se



"Mulher com criança à beira-mar", por Pablo Picasso, em 1921. Obra no Instituto de Arte de Chicago.

tivesse sido desmantelada e depois remontada. De fato, é exatamente isso que acontece.

Enfim, todas as nossas experiências de perdas relacionam-se com esta ligação primeira, a da conexão mãe-filho. A criança se encontra no início da vida, num estado de identificação completa com a sua mãe, um estado ideal, sem fronteiras, a partir do qual ocorrem as separações inevitáveis da vida.

Essa talvez seja a primeira e a mais difícil renúncia da vida, a partir da qual o jogo cruel de desistir do que amamos, para crescer, seja repetido a cada novo estágio de desenvolvimento. E essas perdas são necessárias porque para crescer temos de perder, abandonar e desistir.

Desistimos das coisas para poder crescer. Mas a maioria das separações normais, dentro do contexto de um relacionamento afetuoso e estável, dificilmente deixará cicatrizes no cérebro. Importante: só através de nossas perdas nos tornamos seres humanos plenamente desenvolvidos.

Em outras palavras, pode-se dizer que fechamos um ano inédito, ímpar, com muitas incertezas e perdas, em decorrência da pandemia, mas também aprendemos que somos completamente incapazes de oferecer a nós mesmos e aos que amamos qualquer forma integral de proteção contra o perigo e a dor, além da proteção contra as marcas do tempo, quanto à velhice, contra a morte, contra as perdas necessárias da vida. **i**

Palavras de Mestre

"Há verdadeiramente duas coisas diferentes: saber e crer que se sabe. A ciência consiste em saber; em crer que se sabe reside a ignorância."

HIPÓCRATES

O médico deve pautar sua conduta pelos mais elevados preceitos éticos e morais, honrando e mantendo o brilho da profissão. Não pode e não deve se calar frente ao uso desvirtuado da Medicina; deve praticar sua arte apenas em benefício de seus pacientes. O Juramento de Hipócrates é o mais antigo código de ética e compliance existente e, nele, está tudo o que um médico deve saber ao praticar sua profissão e externar suas ideias e conhecimentos. Isso vale aos nossos dias sob o assolamento da pandemia pela Covid-19. Quando não defendemos nossos direitos, perdemos a dignidade; dignidade não se negocia.